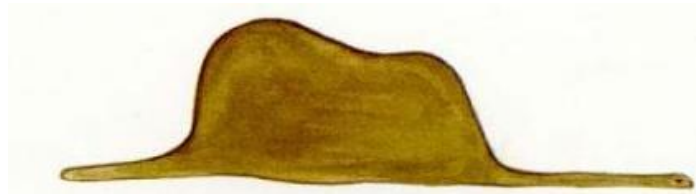


## O esotérico “Pequeno Príncipe”

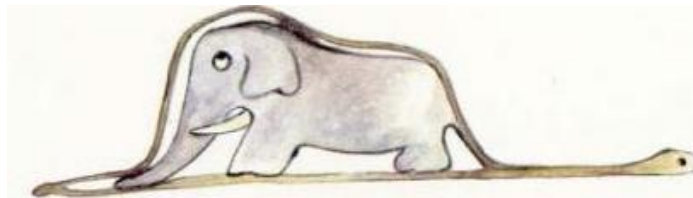
O “Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry é uma das joias da literatura esotérica destinadas a crianças (grandes).

Como não temos espaço para explicar longamente a estória, vamos sintetizá-la em seus pontos essenciais:

1. Um menino se impressionou com a ilustração de uma cobra "boa" engolindo um animal. Faz o desenho de uma cobra estufada pela forma de um elefante que engolira. Mostra-os aos "adultos" e eles o interpretam como um chapéu.



Ele se entristece e faz outro desenho em "raio x", mostrando o elefante de pé, dentro da cobra.



Aí os adultos o dissuadem de desenhar e aconselham-no a estudar as coisas humanas para ser "pessoa sensata".

2. O menino se torna moço e aviador. Um dia, como piloto de prova, seu avião sofre uma "pane" e é obrigado a fazer um pouso de emergência no deserto de Saara.
3. Está tentando reparar o defeito do motor quando lhe aparece, em meio à solidão do deserto, um menino trajado de príncipe, com uma espada na mão,



a pedir que lhe faça um desenho de ovelha.



Ele faz um e o menino rejeita porque lhe parece uma ovelha triste;



faz outro e também recusa porque parece velha;



faz outra, mas ele alega que é muito grande para seu pequeno país; então desenha uma caixa furada e diz que a ovelha está lá dentro. O menino fica satisfeito.



4. O menino se preocupa com a possibilidade da ovelha comer a única flor que ele tem em seu asteroide. O aviador, impaciente, retrucava-lhe que isto não tem importância. O menino fica triste e desaparece. Ele fica desesperado e se põe a procurá-lo. Quando está outra vez a consertar o avião, o menino reaparece e ele se desculpa e busca soluções para o asteroide.

5. Conversavam à noite. O menino começa a relatar sua vida no asteroide, onde ele vivia só, com seus três vulcões (um extinto e dois que ele limpava sempre); seus baobás (plantas que podiam crescer e ele tinha de cortar, para que não tomassem conta do asteroide) e a rosa que florescera.

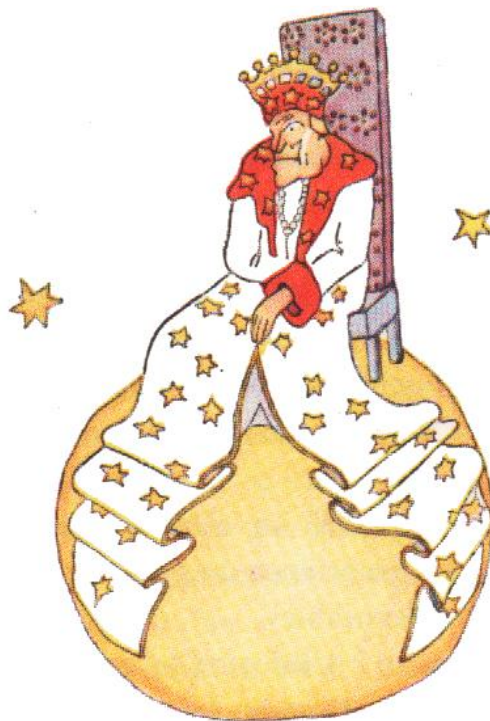


Com a rosa aprendera como era ignorante. Saiu, pois, de seu asteroide para aprender alguma coisa do Universo que o tornasse capaz de melhor dirigir seu asteroide.



6. Levado pelas aves pouso em sete planetas:

a) Planeta do Rei que estava triste porque não tinha sobre quem reinar



b) Planeta do vaidoso megalomaniaco



c) Planeta do bebedor que fugia de si mesmo



d) Planeta do negociante preocupado com seus lucros



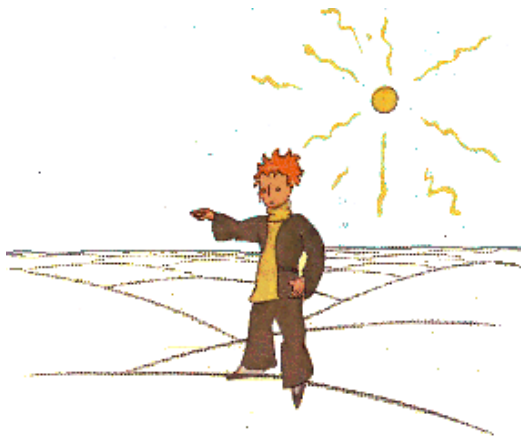
e) Planeta do homem que acendia os lampiões



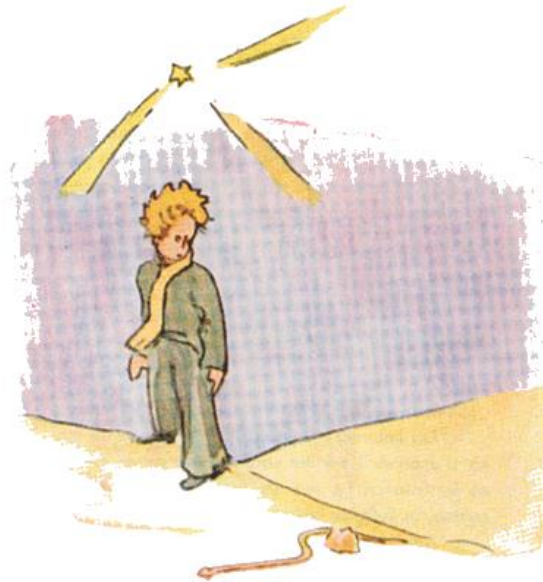
f) Planeta do geógrafo



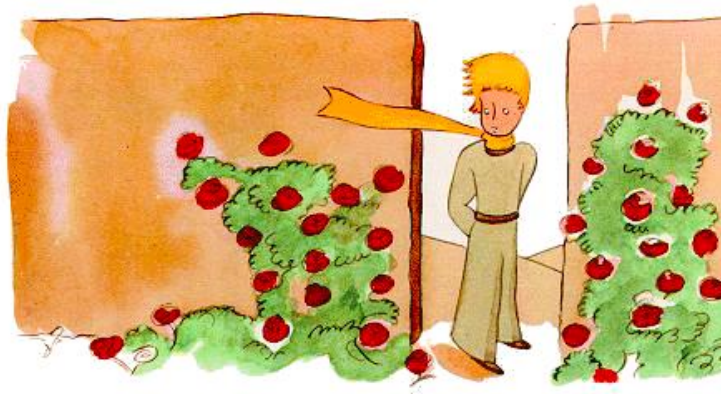
g) Planeta Terra



7. Na Terra conheceu em primeiro lugar a serpente, cuja picada tinha o condão de levar a alma aos céus.



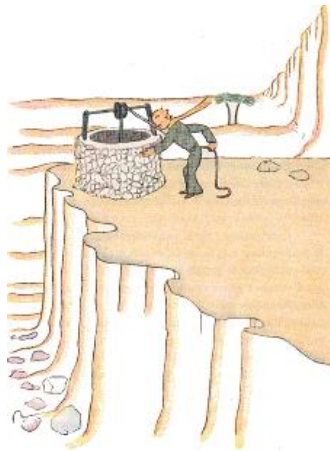
Depois conheceu um jardim cheio de rosas



e finalmente uma raposa arisca, a quem domesticou e do qual se tornou amigo.

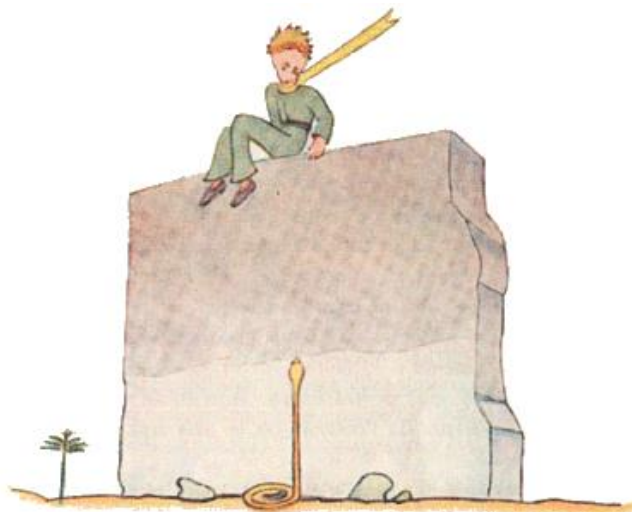


8. Neste ponto da narrativa acaba a água do avião e ele fica transtornado. O menino disse que há um poço. O avião receia perder-se no deserto e o menino vai à frente, guiando-o com segurança até as águas.

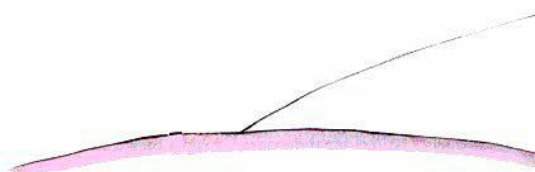


Bebem muita água, a ponto de ela ficar chocalhando na barriga. Voltam ao avião e, finalmente, o avião consegue por o avião em funcionamento.

9. O menino se afasta e ao procurá-lo, o aviador o encontra dependurado em um muro, onde havia uma serpente, que tinha lhe picado.



Chora de tristeza e o leva ao avião. Conversam um pouco, o menino se despede, dizendo que ele não fique triste, porque continuará ouvindo seu riso, não apenas de seu asteroide, mas de todas as estrelas do céu. Vão dormir. O menino desaparece. O aviador o procura em vão, pelo deserto. É noite. Das estrelas chegam o riso do pequeno príncipe.



O aviador decola e vai ao encontro do céu.

Os simbolismos:

1. O aviador representa uma pessoa pura e elevada, que busca algo essencial como razão da vida. A serpente é símbolo de sabedoria. A figura do elefante dentro da cobra é a imensidão que existe escondida na sabedoria do mundo e do ser. Mas



ninguém enxerga. Todos veem apenas a aparência, a superfície. Assim a sociedade abafa os anseios puros de uma criança elevada.

2. Essa pessoa cresce insatisfeita com a superficialidade do mundo e vai buscar coisas elevadas (voar). Em uma de suas investigações mais sérias, não encontrando solução externa, entra em crise. Permanece em solidão (deserto) buscando uma solução interna (procura consertar a pane). Mas a solução não está na Mente.
3. Ele clama e tem a revelação interna que lhe corrige e os conceitos condicionadores de que a criatura deva ser uma pessoa triste ou pensar em idade (porque o espírito é eterno) ou ter ideias de grandeza. Leva-o a compreender as coisas essenciais, além das aparências, que ele mesmo via em criança (a ovelha dentro da caixa).
4. Mas a tendência de continuar buscando solução humana continua sem dar a devida importância aos lampejos internos (pequeno príncipe), e, por não dar interesse maior a eles, perde contato com o íntimo que deseja preservar as faculdades nascentes (a rosa desabrochada). Depois cai em si e retorna à busca do Ser interno e o reencontra quando está em quietude nos seus esforços de elevação (consertando o avião). Dedicar mais interesse, então, aos reclamos divinos,
5. Conversar à noite com o menino significa a comunhão interna, para conhecimento de si. O asteroide em que o "pequeno príncipe" mora é nosso corpo. Os três vulcões representam três veículos que temos (o Corpo Denso – já eterificado no Corpo Vital, o Corpo de Desejos e a Mente). Um deles já estava purificado (Denso eterificado) e permitiu o voo. Os baobás são os vícios que podem crescer pelo hábito e escravizar-nos, devendo ser cortados pela raiz. A rosa é o florescimento das faculdades divinas latentes. No início de nossa evolução espiritual é que tomamos consciência de nossa ignorância. "Não saber que nada sabemos" é ignorância: "saber que nada sabemos" é o começo da sabedoria. É o ponto inicial da Busca.
6. Levados pela intuição e pelos pequeninos "Eus" nobres que formamos em nós (os pássaros), vamos tomar consciência de nosso íntimo (sete indica uma série). Aí chegamos à triste constatação do quanto ainda somos sedentos de poder (rei); escravos da vaidade (vaidoso); escapista (bebedor que fugia de sua própria realidade); apegados à segurança e sedução dos bens (negociante); dominados pelos fatores terrenos de tempo e espaço, que nos aumenta cada vez mais o ritmo fabricitante das atividades e desenvolve a impaciência (homem do lampião); o quanto estamos condicionados pelos conceitos humanos da realidade do ser (geógrafo) e, finalmente resolvemos conhecer nossa parte humana (Terra) que deve ser transmutada.
7. Só, então, nos advém a sabedoria (serpente) e a prudência (raposa) que nos ensinam a lidar com a natureza humana e transformá-la. Neste ponto veremos em

cada semelhante o mesmo ser espiritual e a humanidade como um imenso jardim de rosas. Oportuno lembrar a carta de despedida da raposa: "O essencial é invisível para os olhos. Não se vê bem, a não ser com o coração".

8. Assim preparado, o Ser pode ser guiado pelo íntimo (pequeno príncipe) a fonte de água viva do Cristo interno. Acaba-se a água do conhecimento humano e passamos a nos dessedentar daquela água que Cristo prometeu à Samaritana. Aí restauramos os recursos para voar, agora em melhores condições (o avião consertado).
9. Elevando-nos internamente (menino que se pendura no muro) chegamos ao despertar espiritual para esferas mais altas. É o picar da serpente, ou seja, o fogo espinhal que se eleva e toca os centros superiores da cabeça. Aí nos elevamos a outros planos e passamos a ver a divina essência em tudo (decolar com o avião e escutar o riso do "pequeno príncipe" em cada estrela).

*(Publicado na Revista Serviço Rosacruz de out/1975)*